

Orietta Abbati\*

«Escreva-me, [...] na qualidade – se não de Amigo,  
de Poeta, de Crítico – de BUROCRATA descontente de o ser».

*José Saramago na correspondência  
com José Rodrigues Miguéis (1959-1971)*

A correspondência entre José Rodrigues Miguéis e José Saramago, iniciada em 1959 e que se prolongou até 1971, cujo corpus inclui 186 cartas, 166 das quais publicadas em volume em 2010, enriquece aquele terreno fértil em que é possível traçar o longo período de formação, de cerca de trinta anos, do autor do *Memorial do convento*.

Estas abrangem o período em que Saramago trabalha, inicialmente como diretor de produção e mais tarde como diretor literário na Editorial Estudios COR, que publicava os textos de Rodrigues Miguéis.<sup>1</sup> Vale a pena ressaltar que o autor de *Leah e outras histórias* se tinha mudado para os Estados Unidos, para Nova York em 1935, onde terá falecido em 1980. Foram anos de autoexílio, interrompidos apenas por raros regressos a Portugal.<sup>2</sup>

Algumas considerações de natureza geral e alheias ao caso concreto aqui abordado, permitem integrar esta correspondência no vasto campo da epistolografia que, em Portugal, ao longo dos séculos, nem sempre gozou da devida consideração, como comprovam as argumentações de André Crabbe Rocha no ensaio *A epistolografia em Portugal*:

---

\* Università di Torino.

<sup>1</sup> Nestes anos Saramago tem a oportunidade de se tornar conhecido no meio literário e cultural, trocando correspondência e estabelecendo relações profissionais, por vezes também pessoais com muitas «das mais importantes figuras literárias de então, como os “exilados”, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro e José Rodrigues Migueis, ou os residentes Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Namora, José Gomes Ferreira» (Lopes, 2009: 37).

<sup>2</sup> José Rodrigues Miguéis regressa a Portugal seis vezes (1946, 1952, 1957-59, 1963-1964 e 1967; a estes períodos fora dos Estados Unidos de América tem que se acrescentar uma estadia no Brasil em 1949 e 1950. (Neves, 1990: 153).

Pretende-se, no presente trabalho, dar uma visão de conjunto da actividade epistolar dos escritores portugueses – não só dos que a alardearam como mais um florão literário, publicando em vida as cartas que escreveram, como daqueles em que tal propósito nunca existiu. Em Portugal, esse estudo, não foi tentado ainda. (Rocha, 1965: 7).

Passadas várias décadas desde a data do referido estudo,<sup>3</sup> o *corpus* das cartas ficou extraordinariamente enriquecido, com as subseqüentes publicações da correspondência de muitos outros intelectuais e escritores do século breve, abrindo a possibilidade de novos equilíbrios e reflexões de ordem teórico sobre este específico género.

A carta, aliás, como tipologia particular de escrita, em contínua oscilação entre literatura e vida, tem-se revelado uma ferramenta muitas vezes indispensável para demarcar ou redefinir a identificação dos autores, e, por vezes, até para esclarecer ou acrescentar mais informações sobre a génese e a sua obra, favorecendo um mais pontual hermeneuse.

A *Correspondência* aqui examinada, apresenta, no entanto, características que se somam às geralmente reconhecidas na epistolografia, tornando-a de extraordinário interesse, tanto no plano individual dos sujeitos envolvidos, como no plano sociocultural de um período específico da realidade portuguesa, mostrando a atmosfera, o ambiente literário de um país ainda fechado no torpor de uma longa ditadura.

Circunscritas por estas coordenadas, as missivas resultam sobretudo de natureza profissional, permitindo, de facto, uma imersão, também interessante, na dinâmica editorial daqueles anos e mostrando o trabalho de uma editora da época, desde o envio das provas de um lado ao outro do oceano, até às complicadas fases relativas ao pagamento dos direitos de autor.

No entanto as razões do interesse vão muito mais longe, quando os nomes dos correspondentes identificam duas figuras de intelectuais já conhecidos, embora em graus diferentes. Da costa leste da América José Rodrigues Miguéis envia as suas datilografias, impulsionado por um sucesso editorial consolidado que o coloca entre os mais significativos e fecundos escritores do final dos anos cinquenta – recorde-se que em 1959, com *Leha e outras Histórias*, tinha recebido o prémio Camilo Castelo Branco.

---

<sup>3</sup> Neste ensaio, aparecem cartas de autores a partir de D. Pedro, até Florbela Espanca. (NdA).

Tudo isto é já claramente legível nas formas de tratamento e nas fórmulas de saudação que resumem a evolução de uma relação autêntica e franca entre os correspondentes, misturada com o necessário pragmatismo e consciência dos dados contabilísticos, pagamentos de direitos sobre vendas, que pontualmente ou, por vezes, com certas dificuldades, Saramago envia para Nova Iorque, ao endereço de Rodrigues Miguéis.

«Caríssimo Saramago» é a fórmula inicial constante das cartas de Miguéis, que quase sempre fecham com «Um abraço do amigo grato e certo. Miguéis». Ainda mais caloroso é Saramago que começa com «Meu querido amigo» e fecha as cartas, com pouquíssimas exceções, sempre com uma declaração aberta de estima e carinho como «Um grande abraço do mais que certo amigo Saramago».

Resulta, de qualquer forma difícil classificar essa correspondência como cartas entre intelectuais que podem ser consideradas «testemunhos de si mesmos, isto é, de intenções e argumentos autobiográficos» (Petrucci, 2008: 159), uma vez que esses casos emergem de forma discreta ou apenas insinuada, embora haja momentos que assumem um tom confessional; a citação escolhida como título desta comunicação é um testemunho perceptivo disso, além de mostrar a não fácil sobreposição de diferentes papéis assumidos por Saramago, todos eles convergindo nas cartas enviadas a Nova Iorque.

Mais do que uma vez, nas cartas emerge, de ambas as partes, a necessidade de um espaço epistolar privado, no qual os dois correspondentes possam entrar livremente em assuntos pessoais sem correr o risco de serem lidos pelo resto do staff dos Estudios COR, ou para esclarecer em paz mal-entendidos, como podemos ler no *explicit* de uma carta de Saramago escrita no período final da sua colaboração com a editora: «[...] E proponho que, a partir de hoje, se separem os dois planos das nossas mútuas relações; correspondência oficial, e correspondência particular (a dos amigos)». (Pereira, 2010: 275).

Reparando bem, algumas missivas revelam-se não comerciais, predominando nestas uma relação de diálogo íntimo e pessoal, de partilha profunda de ideias e condições, de ansiedades, de reflexão cruzada sobre o estado das coisas, permitindo a Saramago sair da estrutura formal da carta, dar espaço ao seu papel de crítico literário ou lançar o seu olhar sobre o contexto intelectual.

Por outro lado, poder-se-ia dizer que a sua correspondência testemunha «uma relação entre iguais, baseada na estima mútua e no franco confronto cultural» (Petrucci, 2008: 164). Mas, mesmo neste caso, seria melhor detetar uma evolução para esse tipo de relação ao longo

dos anos, considerando as diferentes posições iniciais e os diferentes papéis dos dois correspondentes.

Poderíamos falar de uma relação desigual, mas é evidente que nos encontramos perante uma correspondência difícil de classificar segundo critérios tradicionais, facto que por si só a torna muito interessante e suscetível a uma leitura funcional para uma melhor compreensão da personalidade dos sujeitos envolvidos, bem como do contexto em que se dá a troca epistolar.

Além do mais, o seu carácter bastante fluido ou híbrido oferece as melhores condições para poder ler as missivas de outra forma e apreender os processos em curso de evolução do pensamento e estilo de um Saramago, continuamente solicitado e estimulado pela personalidade de Rodrigues Miguéis numa fecunda relação dialética que nunca cede à banalidade, além de fornecer informações e confirmações sobre as suas primeiras publicações.

Das cartas, no seu conjunto, emergem muitos pontos de interesse nos quais se observa de perto a linguagem, a forma pouco ortodoxa de lidar com as várias questões e solicitações que, nas entrelinhas de uma correspondência predominantemente comercial, vêm ao de cima, anunciando o futuro romancista. Nesse sentido, as cartas são uma verdadeira frincha para poder espreitar a oficina do escritor.

Em primeiro lugar, emergem as reflexões de Saramago sobre o contexto social e cultural de Portugal, expressas pelo autor sempre com uma coloração irónica já bem definida, aperfeiçoada com o exercício da metáfora e da alegoria, poderosos dispositivos retóricos capazes também de conferir à frase uma eficácia estética, que de facto encontrará nas *Crónicas*, publicadas entre finais dos anos 60 e princípios dos anos 70, um espaço cada vez mais adequado.

Em perfeita sintonia com Rodrigues Miguéis, estimulado pela distância física do amigo e pelas vicissitudes editoriais, Saramago articula repetida e extensivamente juízos ou conclusões sobre o meio ambiente português que não deixam dúvidas sobre as suas convicções, como podemos ver na carta de 14 de outubro de 1960:

[...] que outra coisa se pode esperar desta miséria rasteira e indigna que a si mesma vaidosamente se chama “a intelectualidade portuguesa?” Em Portugal, os bons e os puros não podem trabalhar para, mas sim contra. Trabalha-se para num país são, arejado, vivo; num país como está o nosso, só se pode trabalhar contra: contra a hipocrisia, contra a maldade [...] Mas, pensando bem, esta terra sempre assim foi: e esse é que é o verdadeiro “mal

português”, a formiga branca que nos roi a energia. (Pereira, 2010: 73).

Além disso, a distância, a separação, fortemente sentidas por ambos os correspondentes, que induz Miguéis a declarar-se sedento de notícias da sua terra natal, suscita a reflexão muitas vezes amarga de Saramago sobre o contexto português, que diariamente experimenta. Nestes momentos o autor de *Levantado do Chão* emprega todo o seu talento já bem individualizado no uso de metáforas e alegorias, dando nova força às próprias palavras, capazes, assim, de mostrar o mundo, a realidade sem véus.

Um exercício de estilo, que subjaz sempre à coragem da análise impiedosa, de ir até ao fim, numa dialética, nunca abandonada, que abre novas perspectivas, só possíveis a partir da consciência do estado das coisas. Na carta de 12 de maio de 1961, escreve Saramago:

[...] Bem compreendo a vontade de voltar que estas coisas lhe estarão dando... Isto por cá está tão pobre, meu Amigo, tão triste, e mesquinhamente pobre! [...] como eu dizia há tempos em carta ao Jorge de Sena: «vive-se num jardim à beira-morte plantado...» em constante incerteza e insegurança, num temor que corroí tudo – a começar pelo futuro. Será que conseguiremos sobreviver? Como lugar geográfico, naturalmente, mas como povo? Que lugar ocuparemos non mundo daqui por cinco, dez anos? Põe-se a gente a imaginar, e o que imagina dá vontade de fugir. (Pereira, 2010: 104-105).

Reflexões que continuam na seguinte carta de 26 de maio:

[...] Essa sede de notícias, bem a compreendo. Mas o pior é que não as há. A inconsciência em que se vive em Portugal, seria enternecedora, se não fosse trágica. E de tal modo que vista aqui de dentro a situação, apesar dos gritos de alarme de fora, passam-se os dias, soalheiros ou chuvosos, como se tivéssemos lido no livro do destino o próspero futuro que a Senhora de Fátima tem prometido a Portugal. [...] Nunca nação nenhuma caminhou para o abismo com tamanha indiferença. É claro que acabaremos por abrir os olhos, mas isso será já na queda, quando já nada nos puder salvar. (Pereira, 2010: 107).

Noutra parte, numa longa carta datada de 21 de março de 1965, refletindo sobre a declarada crise pessoal de Miguéis, após o seu breve regresso à terra natal, em que convergem problemas de saúde, dúvidas

e incertezas sobre a sua obra,<sup>4</sup> Saramago não perde a oportunidade de associar o estado pessoal do amigo que tinha emigrado para Nova Iorque à lúcida e por vezes pessimista análise de Portugal, sobre o clima intelectual dominante.

Na verdade, à parte «destruens» segue-se a sua proposta «construens», imaginando e esperando um caminho inédito para uma nova crítica, que pressupõe um processo de redefinição da autêntica essência de ser escritor:

O que Miguéis cá veio procurar, não foi encontrado. Pudera! O Miguéis veio procurar os seus trinta anos. Ilusão perigosa e perigosa desilusão. Aqui vive-se num charco onde as rãs coaxam melancolicamente e pincham uma vez por outra para desentorpecer os membros. Mas é charco, não é mais que charco. Como foi possível acreditar que poderia viver em águas estagnadas? A sua presença desmanchava o coro [...] Com esta população de radíneos não haverá crise, essa lhe garanto eu. Todos se encontram muito bem instalados no retrato que tiraram para a posteridade; há os neo-realistas, os católicos, os assi-, assim, e ninguém lhes pode meter na cabeça que possam tirar o retrato noutra «pose», ou, mais simplesmente, que rasguem o retrato e esperem a sua verdadeira definição de homens e de escritores. (Pereira, 2010: 183).

Aqui encontramos uma das razões de maior interesse da correspondência, na qual surge, também dirigido a si mesmo, o pedido de busca de um novo olhar sobre o mundo e sobre a escrita literária, que o levaria à criação de sua própria expressão, do que escrever e como escrever, ao estilo saramaguiano.

Assim, se *Levantado do Chão*, é o resultado do seu percurso de investigação, não será difícil vislumbrar nas palavras que aludem ao retrato, ou melhor, ao gesto de destruir o retrato «falso», a imagem do medíocre pintor H, protagonista de *Manual de pintura e caligrafia*, de 1977, romance charneira em que «metaficcionalmente se representa a aprendizagem da escrita» (Reis, 2022: 15), ou seja, aquela passagem radical de H da frustração criativa constituída por uma pintura inane

---

<sup>4</sup> José Rodrigues Miguéis, numa carta de 21 de fevereiro de 1965 conta ao amigo de Lisboa os seus próprios casos pessoais ligados à saúde e a graves acontecimentos familiares, o que dificulta muito o seu trabalho, como bem se deduz na carta: «Estes espectros de doença e morte acabrunham, como bem sabe; então ultimamente tem sido uma autêntica nuvem negra! No meio disto, pode imaginar como vai o meu trabalho [...] sinto-me à beira de renunciar a tudo...» (Pereira, 2010: 177-178).

para uma identidade mais autêntica que se vai criando nas palavras escritas na página, e que «[...] podem prolongar-se, infinitamente» (Saramago, 1983: 54).

Em muitas outras cartas, Saramago exerce o papel de crítico agudo, de clara profundidade de visão, que já prenuncia o conceito de verticalização da reflexão, dando expressão à necessidade fortemente sentida de superar o óbvio e o já dito, de deslocar o ponto de observação.

A este respeito, vale a pena mencionar dois fragmentos, um em que o escritor se refere a Raul Brandão<sup>5</sup> e ao seu romance *Húmus*, outro em relação à crítica de Álvaro Salema a *Rumor Branco* de Augusto Abelaira. Na carta de 12 de maio de 1961, escreveu a Rodrigues Miguéis:

Espero com o maior interesse o seu artigo sobre o Raul Brandão, que é uma das maiores e mais velhas admirações minhas em literatura: Um livro como *Húmus*, por exemplo, como é possível que tanta gente o ignore? [...] Falava o Régio, já aqui há tempos, no mau gosto de certas passagens. Bolas! Sempre gostava que me dissessem onde há, nos livros do Régio, às vezes duma pieguice muito professor-de-licéu-em-cidade-de-província, algo que iguale em ternura aquelas “mãos como cepos” da Joana, dessa criação única da nossa literatura que é a mulher da esfrega! “Há sonhos humildes que ninguém quer sonhar: servem à Joana que quando os usa os vira do avesso”. Quantas vezes exprimiu assim a frustração um escritor português? [...] Assim estamos nós, descendentes de Afonso Henriques e Albuquerque, de Cabral e Camões... Desculpe o excesso de a-propósito da ironia!... (Pereira, 2010: 106).

Ainda mais penetrante e fora dos esquemas estabelecidos da linguagem da crítica mais conceituada, quando não dogmática, aparece o seu ponto de vista sobre a recensão de Álvaro Salema ao romance *Rumor Branco* do então muito jovem escritor Augusto Abelaira, publicada a

<sup>5</sup> Também na carta a seguir, de 30 de junho de 1961, Saramago volta ao escritor Raul Brandão, criticando de certa maneira a timidez de Joel Serrão responsável pelo ensaio da *Gazeta* dedicado ao autor de *Húmus*: «Esperava outra coisa. Evocações a mais, e não o estudo lúcido que venha pôr Raul Brandão no altíssimo lugar que lhe compete. O Joel Serrão tê-lo-á tentado, mas falta-lhe sensibilidade e também audácia de dar às coisas os seus nomes: Raul Brandão é dos maiores criadores (não digo escritores) da nossa literatura [...]. Por mim penso que Raul Brandão é um dos nossos pouquíssimos escritores merecedores de exportação» (Pereira, 2010: 109).

24 de janeiro de 1963 no *Diário de Lisboa*.<sup>6</sup> Na carta de 29 de janeiro do mesmo ano, Saramago escreve:

A crítica é o que sabemos. Calados que nem ratos. Botou fala o Salema, mas mais lhes valera o estar calado. Aquele homem anda a fazer a mesma crítica há um ror de anos e não desanima. [...] Estou a pensar numa crítica que ele fez há pouco tempo a um romance *Rumor Branco*, de um jovem de 19 anos, de seu nome Almeida Faria, que a Portugália lançou. Trata-se de um livro cheio como um ovo. Denso como uma floresta (não esqueço que a densidade das floresta não é só feita de troncos e ramos, é-o também de folhas que caem e se renovam) exuberante – mas sobretudo rico, numa riqueza tão grande que faz desejar e temer o novo livro do autor [...] Pois o Salema apontou caminhos, o Salema aconselhou, o Salema disse “Faça isto, não faça aquilo”, o Salema puxou a braza à sardinha do colectivo... Mas entrar no livro, perceber o que um jovem de 19 anos pode ser hoje, está quieto! Daria trabalho, exigiria “simpatia”, e la se ia a chapa-crítica ou a crítica chapa... Pergunto eu se vale a pena existir em Portugal. Vale? não vale. (Pereira, 2010: 154-155).

Estes são alguns exemplos de como na correspondência, em cada intervenção como crítico, incluindo os seus comentários sobre a obra do próprio Miguéis,<sup>7</sup> de que acompanha as fases editoriais, Saramago privilegia a busca e afirmação de um ponto de vista livre de condicionamentos, expresso através de uma nova linguagem e, na medida do

---

<sup>6</sup> Escreve Álvaro Salema na recensão de *Rumor Branco*, de Almeida Faria: «O leitor, mesmo advertido, encontrará dificuldade ou até relutância em entrar nessa atmosfera estranha, sempre oscilante entre a luz e a sombra. [...] Mas, na continuidade da criação literária, há-de Almeida Faria perguntar-se se valerá a pena sacrificar a comunicação e o encontro mais fáceis à atmosfera demasiado densa e árdua em que se desenrola “Rumor Branco”» (Salema, 1963: 24).

<sup>7</sup> Citamos o que Saramago escreveu sobre a *Escola do Paraíso* na carta de 7 de Junho de 1960: «Que é cá, no meu fraco entender, a *Escola do Paraíso*? Um prodigioso inventário, já o disse. Todos vão procurar «o» romance no seu livro – e não «o» vão encontrar. (Como «o» não encontram na *Recherche du Temps Perdu*.) E esse será o seu grande «crime» [...]. E a minha franca admiração por si perguntava desolada: «Aonde quer chegar este homem? isto é partida que se faça ao leitor de boafê (ou má) que compre o romance?» Até que encontrei a «minha» explicação: a Escola é uma exploração da memória, levada telescopicamente ao infinito, desdobrando-se e repartindo-se em todas as direcções, passando e repassando infatigável, até restituir em cor e sabor, em som, tacto e olfacto (todos os cinco sentidos) uma época, um conjunto social que não se extinguiram de todo, apesar dos cinquenta anos decorridos, de duas guerras, vinte revoluções e trinta anos de cultura» (Pereira, 2010: 48-49).

possível, fora do coro, não seguindo padrões estabelecidos, mostrando nisso uma «exemplar mestria literária» (Rocha, 1965: 30), ciente dos riscos de cair nas armadilhas da censura.

Arte aperfeiçoada com a prática da autocensura, de que também se revela mestre, como podemos ler na carta de 14 de outubro de 1960, na qual responde a Miguéis sobre os seus medos de publicar o capítulo «A sedução» de *A escola do Paraíso*, conforme escrito no primeiro rascunho:

Recebi [...] o capítulo da “Sedução”. Realmente a sua esposa tinha razão: é forte demais. Tanto que acho melhor publicarmos a forma “castrada”, até porque nestes dois últimos meses por duas vezes a Censura se meteu connosco [...] Convém, pelo menos nestes tempos mais próximos, passar despercebidos da férula censurial (Pereira, 2010: 72).

Toda a correspondência, aliás, é rica nestes exemplos, mas nela temos também a preciosa oportunidade de «poder assistir ao nascimento do poeta José Saramago» que, na carta de 19 de julho de 1965, anuncia ao amigo Miguéis a publicação do volume *Os poemas possíveis*: «[...] o meu livro sai no princípio de 66, se os fados ajudarem. Ponho-me a pensar no caso e tremo de me lançar às feras, nesta idade. E ainda por cima com um livro de poemas, isto é, *mon coeur mis à nu*» (Pereira, 2010: 198).

Resultado, este, através do qual na troca de cartas podemos seguir o caminho lento, quando, com grande discrição, ora com uma certa modéstia, ora escondida com uma expressão auto-irónica, Saramago vai inserindo alguns poemas oferecendo-os ao juízo ou opinião do seu correspondente, como se pode ver na carta de 22 de julho de 1964, em que os textos poéticos “Dulcineia”, “D. Quixote”, “Sancho” são precedidos pelo acrónimo P.S. (pessoal) e introduzidos com a frase; «Junto três pequenas amostras do meu cintilante estro...» (Pereira, 2010: 168).

É fácil imaginar que as reações ou opiniões de Rodrigues Miguéis devem ter desempenhado um papel determinante, pelo menos em termos de convicção pessoal, quando numa das cartas de resposta, datada de 31 de julho de 1964, se lê:

Os seus *Poemas* impressionaram-me muito, pela força de expressão sóbria e económica, e no entanto muito flúida [...] Eu, mau leitor de Poesia, e leitor de alguns ingleses e americanos (Auden, Lowel – que traduzi – Frost etc.) gosto da densidade,

de uma certa complexidade de sentido, de aparência cristalina e forma trabalhosa mas depurada. A sua poesia tem muito disso, sem palavras redundantes, sem adjetivos a mais, e uma meditativa serenidade. Abraço-o e desejo-lhe – profetizo-lhe – um êxito merecido. (Pereira, 2010: 171-172).<sup>8</sup>

No *corpus* da *Correspondência* entre os dois intelectuais que abrange mais de uma década, acompanhamos, de facto, para além das fases de publicação dos dois volumes de poemas – *Os Poemas possíveis* (1966) e *Provavelmente Alegria* (1970) e do primeiro volume das crónicas, *Deste Mundo e do Outro* (1971), também submetidos ao julgamento do amigo “americano”,<sup>9</sup> o movimento global da sua atividade, como crítico, como intelectual, que o verá desembarcar em 1967 na *Seara Nova*. A este respeito, o que interessa, não é só a notícia que Saramago pontualmente comunica a Miguéis, na carta de 8 de maio de 1967, mas o comentário que a acompanha:

[...] Sabe que fui promovido a crítico literário? E da *Seara*, ainda por cima, que é coisa fina. [...] Veremos por quanto tempo. É que de mim para mim, assentei que, à mais pequena pressão ou torcidela de nariz, tiro de lá os pés. [...] Quem me diria a mim quando guardava porcos e andava ao rabisco do milho na Azinhaga? (Pereira, 2010: 228)

Um pouco mais adiante, depois de comentar a prosa de Miguéis em *O tempo e O Modo*, acrescenta: «Desconfio que a minha nova função de crítico já me está a pregar partidas. Descubro-me solene e catedrático, coisas

---

<sup>8</sup> Também na carta de 6 de Abril de 1970 Miguéis volta aos poemas de Saramago, desta vez para comentar o volume *Provavelmente alegria*, acabado de sair: «Dos seus Poemas (não lhe disse eu já qu e os recebera?) Claro que gostei deles e muitíssimo! Muitos são ainda do *seu* género, como os do primeiro volume: [...] mas os surrealistas (se assim posso chamar-lhes), os visionários, os oníricos, representam um imenso avanço sobre si próprio: como tema, técnica, colorido vocabular [...] acho-os mesmo melhores do que os poemas enigmáticos do Sena». (Pereira, 2010: 276).

<sup>9</sup> Na carta de 21 de Maio de 1971 José Rodrigues Miguéis envia palavras de apreciação crítica sobre o volume das crónicas de Saramago *Deste Mundo e do Outro*, reincidindo sobre alguns rápidos comentários feitos anteriormente na altura do envio de algumas crónicas ainda não reunidas em volume. Transparece de forma inequívoca o juízo positivo, do autor de *Leah*: «Pelo que lhe escrevi há tempos, [...] já Você sabe o que delas penso. [...] Não creio que nenhum outro cronista nosso escreve hoje de maneira tão toante, directa e moderna – e tão bem! – sobre os pequenos e grandes quotidianos da nossa vida: humanidade, ironia, e um pessimismo sorridente, isento de amargura.» (Pereira, 2010: 296-297).

com que decididamente embirro. Sério, sim, mas não solene. E quanto a catedrático, adeus minhas encomendas...» (Pereira, 2010: 228-229).

O interesse do fragmento que acabamos de mencionar decorre do seu inegável valor paradigmático, que condensa *in nuce* os constituintes fundamentais da futura escrita saramaguiana e os seus pressupostos teóricos, dispersos nas várias cartas e que vão se expandindo ao longo da sua obra literária: a busca de uma expressão, de uma identidade intelectual, autónoma, livre dos constrangimentos das imposições estético-ideológicas implícitas na orientação de uma elite ou, neste caso, do grupo *Seara Nova* – sempre no mesmo fragmento que o escritor indica entre as razões da rejeição, a «[...] independência ideológica», sem renunciar às suas posições políticas; independência que deve encontrar numa linguagem que não seja académica ou de fachada, mas num caminho para a profundidade da análise crítica, a sua realização mais plena; por último, mas não menos importante, a inclusão de suas origens, da pertença à classe dos humildes, que logo se transformaria em redenção literária, partindo de si mesmo e depois abraçando toda a sua narrativa, dando vida às personagens que povoam os seus romances; figuras inesquecíveis que subiram juntamente com o seu autor na mais alta bancada da Academia, protagonistas apesar de analfabetos, do poderoso Discurso de Estocolmo do Nobel português. *A Correspondência*, para além do indiscutível interesse que cada carta possui, a diferentes níveis, como demonstrado, e como não poderia deixar de ser, dado o seu carácter profissional preeminente, revela nas entrelinhas um Saramago que já naquela década complicada e cheia de dificuldades pessoais, existia inteiramente, que «antes de ser já o era». (Pereira, 2010: 12).

### *Referências*

- Lopes, J. M. (2009). *Biografia – José Saramago*. Lisboa: Guerra e Paz Editores;
- Neves, M. (1990). *José Rodrigues Miguéis. Vida e Obra*. Lisboa: Editorial Caminho;
- Petrucci, A. (2008). *Scrivere lettere. Una storia plurimillennaria*. Bari: Editori Laterza;
- Pereira, A. (2010) (org. e notas). *José Rodrigues Miguéis, José Saramago, Correspondência (1959-1971)*. Lisboa: Editorial Caminho;

- Reis, C. (2022). Na oficina de José Saramago: o escritor sem inspiração. In Lopes, F (coord.), *A oficina de Saramago*, Lisboa: IN/CM, 11-21;
- Rocha, A. (1965). *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina;
- Salema, A. (1963). Livros e autores. *Diário de Lisboa*, Ano 42, nº 14408, 24 de Janeiro, 24.
- Saramago, J. (1983). *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa: Editorial Caminho;
- Seara Nova*, (1965), N. 1434, 127.